geOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveiraSolangeOliveira A. Gongorra (CHI) A. Gongorra (CHI) A. Gongorra (CHI)/D. Barbier (FRA) D. Barbier (FRA) D. B/S. Kogut (BR) S. Kogut (BR) S. Kogut (B/A. Skalon - Channel Fo

O intercâmbio é essencial

Solange Oliveira. Jornalista, baiana. Sob sua direção desde a primeira edição em 1983, o Festival Fotoptica — agora internacional — cresce e conquista espaços no cenário mundial. Aqui, Solange avalia resultados e fala sobre vídeo.

Importância do Festival

"O Festival nasceu praticamente junto ao vídeo independente no Brasil. É voltado para o vídeo e acaba sendo o único veículo de divulgação da produção nacional e internacional no país. Infelizmente o vídeo não recebe apoio do Estado, não há um circuito de difusão ou uma instituição que cuide dele. No momento em que se ampliarem as alternativas, talvez a relação dos realizadores com o Festival seja menos dramática."

Avaliação desse Festival

"O Festival que a gente realizou é um projeto que estava na minha cabeça há dois anos. Eu me perguntava: como atrair para o Brasil, subdesenvolvido, sofrido econômica e socialmente, os profissionais que freqüentam o circuito internacional de vídeo? E acho que fomos felizes na receita. Bateu muito bem lá fora o fato de se fazer o Festival com a Mostra Competitiva voltada para o Hemisfério Sul, porque é justamente essa produção que não se vê nos outros festivais. Eu já sinto um retorno, por exemplo, uma mudança na relação com os patrocinadores. Agora são os próprios governos ou entidades de apoio que solicitam um projeto do Festival para este ano. Isso é ótimo!"

Projetos Futuros

"A única coisa que faltou nesse Festival e que eu pretendo conseguir em 91 é trazer para o Brasil todos os realizadores da América do Sul que tiverem vídeos selecionados para a Mostra Competitiva. Eu quero cruzar essas pessoas com os realizadores dos grandes centros europeus. O que é fundamental, já que uma das propostas do Festival é permitir esse intercâmbio. Fora isso, eu estou tentando criar um pequeno centro com uma videoteca e uma biblioteca especializada em vídeo para dar assessoria ao realizador brasileiro."

Produção brasileira de vídeo: que cara tem?

"Eu percebo na produção brasileira um jeito de olhar o mundo, de olhar a si próprio, muito curioso. Tem um humor, uma auto-crítica, um tirar sarro da própria condição pelo fato de ser brasileiro, de lidar com as dificuldades de ser brasileiro, de fazer vídeo. De ser, de existir. Essa leveza e esse vigor que você sente nos trabalhos repercute muito bem lá fora, onde a coisa é formalizada demais — o bonito, o padrão... É surpreendente que trabalhando com tantas dificuldades financeiras e sem acesso às tecnologias mais modernas, a gente consiga fazer trabalhos tão interessantes."

Participação JVC/Tecnovídeo

"Poucas empresas no Brasil investem no institucional como a JVC e a Tecnovídeo. Elas estão fazendo uma coisa que na Europa já é feita por grandes empresas. É genial. E a Tecnovídeo é responsável pelo cartão de visitas do Festival, que é o Videojornal. Ele informa, cria uma dinâmica, é uma ponte com o público. Pra fugir daquela coisa de exibição simplesmente. Pra mim a menina dos olhos do Festival é o Videojornal."

OfestivalOfestivalOfestival

Surpresas, vaias, discussões, aplausos. Os 32 vídeos selecionados para a Mostra Competitiva, aberta a países de todo o Hemisfério Sul, foram exibidos diariamente em oito salas (com entrada franca) e vistos por um público nem sempre bem comportado. "As pessoas vêm ao Festival esperando encontrar aqui o que elas assistem todos os dias na TV; não estão abertas ao experimental", diz o videomaker Antonio Queiroga, ganhador do Prêmio Estímulo patrocinado pela Tecnovídeo (cessão de quatro diárias de captação e 30 horas de ilha de edição com equipamentos profissionais JVC). O experimentalismo, porém, não resiste à franqueza de um veterano do vídeo, Hervé Fischer: "Eu acho alguns trabalhos de videoarte bem chatos..."

A Mostra Informativa trouxe ao Brasil vídeos da Alemanha, Bélgica, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Israel, Japão e Polônia. Imagens preciosas para o carente público brasileiro.

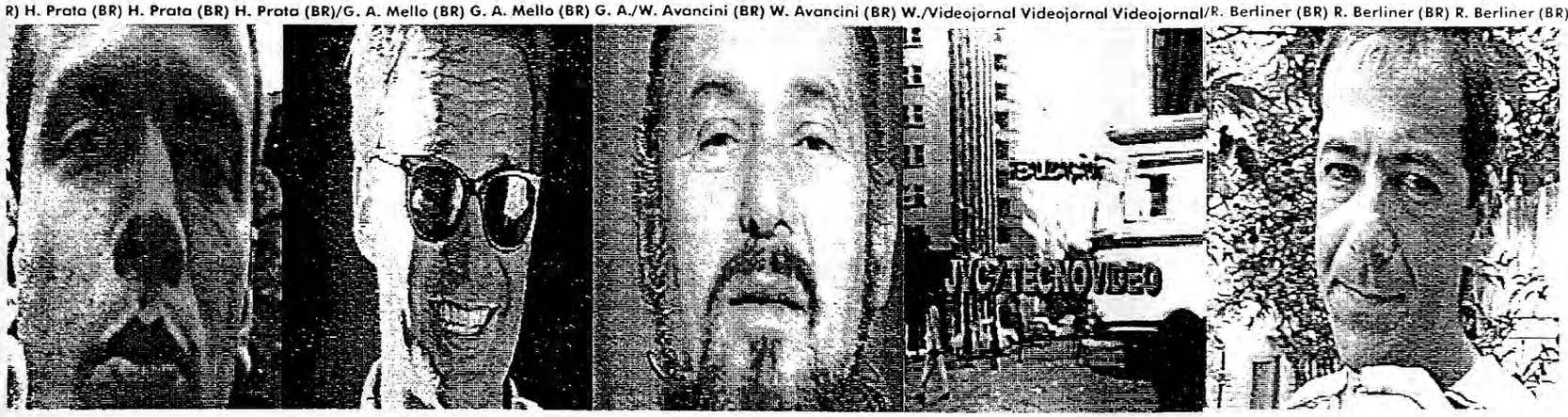
Que recursos as novas tecnologias oferecem à videoarte? Qual é ou qual deveria ser a relação entre televisão e a produção independente? Quais são as alternativas de mercado para o vídeo e o que se cria nesses circuitos? Estes temas nortearam as três conferências ocorridas no MIS, em que participaram realizadores do mundo inteiro. Dentre eles o japonês Yoichiro Kawaguchi — considerado o *master* da computação gráfica atual —, o ensaísta brasileiro Arlindo Machado e os videomakers Jean-Marie Duhard (França) e Augusto Gongorra (Chile). Em meio às discussões, um convite aos realizadores do Hemisfério Sul: a emissora inglesa Channel Four está selecionando projetos para um programa a ser exibido em horário nobre. "Nosso objetivo é garantir espaços de divulgação para a cultura latino-americana e africana na Inglaterra e no mundo" — informa Ana Skalon, representante do Channel Four para projetos de co-produção.

Videoinstalações: a obra aberta e as cabines

"Cavernas, catedrais, mistérios... nos tempos religiosos; teatros, balé, ópera... nos tempos mais profanos. O espetáculo total reúne todas as formas de arte. Uma instalação é uma imagem do mundo: *imago mundi*" — o artista francês Dominik Barbier teoriza sobre a arte. Ele é o autor, em parceria com a australiana Kathy Vogan, da videoinstalação *The No Way Buster Project*, montada no MIS. Já a estudante Laura Bacellar, visitante do Festival, não ousa teorizar sobre o trabalho de Dominik: "Não dá pra falar... você tem de entrar e ver". Um trecho do artigo do crítico Stephen Sarrazin publicado no guia do Festival descreve a obra de Barbier e Vogan da seguinte forma: "Em contraposição às instalações mais conceituais, *The No Way Buster Project* é uma obra monumental, aberta, que apela para a teatralidade e para o espetacular. Hoje a criação-vídeo segue um caminho semelhante ao das práticas artísticas contemporâneas, o estilhaçamento dos campos de análise, a fragmentação, a contradição. *The No Way Buster Project*, na sua monumentalidade, é uma tentativa de devorar todos esses eixos".

O espaço do MIS abrigou também as *Videocabines*, caixas pretas de dois metros quadrados contendo um monitor de vídeo e uma poltrona. O visitante entrava e via desfilarem na tela dezenas de rostos desconhecidos executando inusitadas performances. A carioca Sandra Kogut, autora da experiência, plantou caixas pretas com câmeras nas ruas e ofereceu ao público 30 segundos de gravação para serem utilizados livremente. O material recolhido, editado e trabalhado graficamente, foi considerado unanimemente uma das melhores realizações do Festival. "É muito raro estarmos em frente a uma câmera e ninguém dizer o que devemos fazer", observa Sandra. "O material produzido nessas gravações não é nem de longe parecido com as entrevistas e depoimentos que costumamos ver na TV. A intimidade criada pelo fato de se estar a sós com a câmera no interior da cabine propicia revelações e rompantes de qualquer tipo".

R) H. Prata (BR) H. Prata (BR) H. Prata (BR)/G. A. Mello (BR) G. A. Mello (BR) G. A./W. Avancini (BR) W. Avancini (BR) W./Videojornal Videojornal Videojornal/R. Berliner (BR) R. Berliner (BR) R. Berliner (BR) VIDEOJORNALVIDEOJORNALVIDEOJORNAL NALVIDEOJORNALVIDEOJORNALVIDEOJORNALVIDE

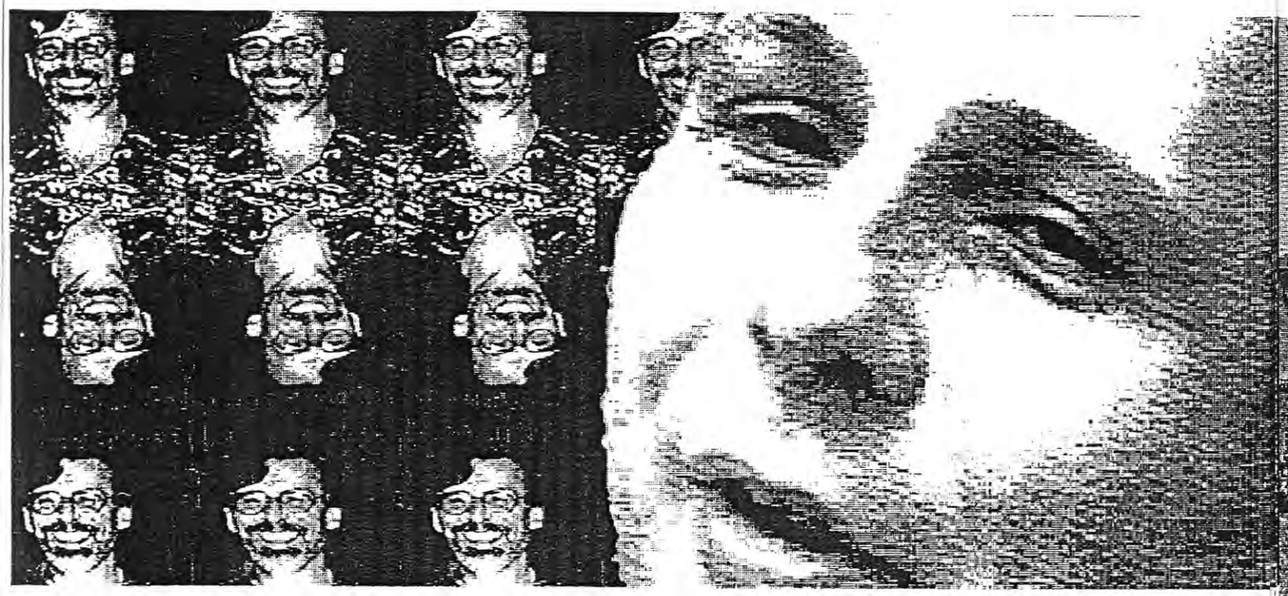


Formato enxuto. Ritmo acelerado. Leveza. Humor. O Festival fala. O público responde. O Videojornal, exibido diariamente em edições que reúnem os melhores momentos do evento, é em si uma atração que tem público e admiradores cativos.

Inovação brasileira criada há cinco anos, a idéia pegou: durante o último Festival de Montbéliard, na França (1990), foi produzido um Videojornal; em seus créditos incluiu-se um *copyright* para o Festival Fotoptica.

O Videojornal do *8th* Fotoptica International Video Festival, totalmente captado e editado com equipamentos Super VHS Profissionais da JVC, foi dirigido pelos videomakers Roberto Berliner e Marina Abs. A equipe de produção manteve uma câmera fixa à disposição do público, enquanto duas outras circularam pelo MIS registrando conferências, flagrantes, opiniões...

"Estou super magoado com esse Festival". As pessoas reclamam para a câmera, reconhecem-se na tela, se integram e se divertem. "Se alguma coisa tem de ser premiada nesse Festival é o Videojornal e fim de papo".



Hervé Fischer, 49 anos. Nascido na França, vive atualmente no Canadá. Ex-professor de Sociologia da Arte e da Comunicação na Sorbonne — Paris. Artista multimídia. Co-fundador da Cité des Arts et des Nouvelles Technologies de Montréal.

Benjamin Heidersberger, 33 anos. Alemanha. Estudou Física, Biologia e Computação. É membro do Ponton European Media Art Lab, um grupo independente de quatro pessoas que pesquisa o futuro da mídia.

Presentes ao 8th Fotoptica International Video Festival, diferentes gerações, histórias e países: diferentes pontos de vista.

O Festival

BH

Em termos econômicos e culturais o Hemisfério Norte, especialmente os Estados Unidos, dominam o planeta. O Festival promove a vídeo-cultura do Hemisfério Sul e é uma importante oportunidade para as pessoas se encontrarem. A continuidade do evento é necessária para uma cristalização do movimento. O Brasil, com uma desenvolvida infra-estrutura em vídeo — linguagem e mercado — é o lugar ideal para o Festival.

HF

É uma ocasião fundamental para se obter informação sobre a criação internacional em vídeo e as novas tecnologias. Há muita falta de informação no Brasil, e as informações são necessárias para nutrir a nossa reflexão e a nossa criação. É ótimo que haja uma competição no Hemisfério Sul; os vídeo-criadores têm chance de aprender, de comparar. É básico.

Produção brasileira

BH

Num certo sentido, Brasil é Globo e Globo é Brasil. A Globo é a quarta maior produtora de TV do mundo depois de três companhias americanas. Ela alcança 80% da população brasileira. A importância da Globo mostra o forte interesse do Brasil no desenvolvimento e uso de uma linguagem visual. Eu prevejo importantes trabalhos vindos do Brasil, e uma forte influência desse país na linguagem mundial do vídeo.

HF

Eu acho que há enorme criatividade no Brasil, a meu ver por três razões: a dificuldade, que obriga as pessoas a serem criativas para sobreviver; a mistura étnica, que favorece a força, e a juventude do Brasil, um país novo que está criando a si mesmo e criando seu futuro. Fora isso, os artistas se sentem estimulados por um ambiente geral: este é um país de imagens, de efeito visual, de cores. Existe aqui muita consciência do papel integrador das comunicações. No momento há uma discrepância entre o potencial criador e a falta de novas tecnologias, mas isso estará equilibrado em questão de anos. Será um grande mercado.

JVC/Tecnovídeo: a empresa e a cultura eletrônica

HF

Eu penso que companhias como a JVC desempenham o importante papel de criar as tecnologias necessárias e aperfeiçoar constantemente seus produtos. São *partners* sociais e *partners* de criação, na medida em que o artista depende da máquina para realizar seu trabalho. As empresas são também responsáveis pela qualidade técnica e pela qualidade dos serviços após a venda.

Num certo momento da História existiram príncipes e mecenas. O artista produzia para esses homens poderosos. Hoje há as empresas, as companhias, que são instituições sociais, coletivas. Muitos intelectuais têm um discurso crítico com relação a isso; eles têm razão, a dinâmica e a crítica são necessárias. Mas na sociedade atual, onde domina a tecnologia, para o bem ou para o mal o grande poder pertence às tecnoestruturas.

A televisão

BH

A televisão é terrível. Ela é financiada pela venda do seu tempo de propaganda e tem de atrair, hipnotizar e letargiar as pessoas de forma a continuar vendendo seu tempo caríssimo. Em muitos países a televisão é também um meio de desinformação política.

Investigações mostram que adultos e crianças aprendem como comportar-se na vida real através da realidade apresentada na TV. O significado disso vem à luz se você considerar que um cidadão americano de 18 anos já foi exposto a 10.000 horas de propaganda e 250.000 atos de violência na televisão. Leis inerentes à televisão impedem que ela seja um bom meio de informação.

HF

As pessoas subestimam a importância da televisão. Ela é o ponto central da cultura eletrônica. Da mesma forma como a TV é a vida social e cultural de hoje, é preciso que ela seja o lugar do design e da criação. Nesse sentido, o vídeo é um laboratório de experiências para a criação televisiva, e é preciso trabalhar para melhorar a TV. Os seus aspectos negativos existem, mas não se pode matar o bebê porque ele tem gripe!

M. Duhard (FRA) J. M. Duh/E. Shvadron (ISR) E. Shvadro/T. Jungle (BR) T. Jungle (BR)/Videojornal Vid/M. Machado (BR) M. Machad/Y. Kawaguchi (JAP) Y. Kawag/Scratch Video (ING) Scratch Videojornal Vid/M. Machado (BR) M. Machad/Y. Kawaguchi (JAP) Y. Kawag/Scratch Video (ING) Scratch

8TH FOTOPTICA INTERNATIONAL VIDEO FESTIVAL

APOIO JVC-TECNOVÍDEO

Bombardeio de imagens simultâneas. Uma grande videoinstalação com 330 linhas de definição horizontal: eis o 8th Fotoptica International Video Festival, ocorrido em novembro no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo — o primeiro festival do mundo a organizar uma mostra competitiva voltada exclusivamente para o Hemisfério Sul. O MIS também recebeu com prazer vídeos e videastas do Hemisfério Norte atraídos pela produção Made in Brazil, *considerada lá fora criativa e original.*

Uma semana de mostras e workshops efervescente em idéias sobre o uso, a linguagem e o papel do vídeo na sociedade. O evento contou com o apoio da JVC/Tecnovídeo, responsável pela realização do Videojornal — de onde foram capturadas em computador as imagens deste encarte. Entrevistas exclusivas captam opiniões de Solange Oliveira, organizadora do festival, do alemão Benjamin Heidersberger e do franco-canadense Hervé Fischer, dois artistas/pensadores do vídeo que vieram, viram e — ao que tudo indica — foram vencidos pela sedução dessa iniciativa brasileira.

"O vídeo é a escola de alfabetização para o criador da televisão" (H. Fischer — Canadá/França)

"A TV é terrível. Ela é sustentada pela publicidade e isso influi profundamente na programação" (B. Heidersberger — Alemanha)

"A TV é a possibilidade de criar — mas de uma forma diferente, coletiva. A polêmica entre produção independente e TV não faz mais sentido" (J. P. Tréfois — França)

"A computação gráfica é a única forma de arte que pode captar matematicamente a ordem sutil da natureza" (Y. Kawaguchi— Japão)

"Eu não acho que o computador seja melhor do que o lápis ou a foto em preto e branco. É preciso ser crítico frente à nova cultura eletrônica" (H. Fischer — Canadá/França)

"O que acontecerá com a nossa noção de realidade daqui pra frente?" (J. Scott — Austrália)

"O nosso projeto é formar uma biblioteca ibero-americana aberta gratuitamente ao público com um acervo e várias mostras latino-americanas" (C. Trilnick — Argentina)

"A produção independente tende à transgressão. É preciso que ela conserve essa característica dentro da TV" (A. Gongorra — Chile)

"Trabalho na MTV, uma emissora estigmatizada pelo formato americano e pelo uso de videoclips. Mas a minha vontade de trabalhar com o veículo é maior do que tudo" (M. Machado — Brasil)

"Não existe um mercado estabelecido para a produção independente no Brasil. Falha nossa" (M. Machado — Brasil)

T. Rosemberg (BR) T. R/M. Giuntini (BR); **"A 1ª vala a gente nunca esquece"**/J. Scott (AUS)/Manifestante desconhecido M/M. Tas (BR) M. Tas (BR) M. T/Videocabines (BR) Videocab/A. Machado (BR) A. Machad